



A Santa Sé

JOÃO PAULO II

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira 10 de Maio de 2000

Queridos irmãos e irmãs,

1. O itinerário da vida de Cristo não tem como meta a obscuridade do sepulcro, mas o céu luminoso da ressurreição. A fé cristã está fundada sobre este mistério (cf. *1 Cor 15, 1-20*), como nos recorda o Catecismo da Igreja Católica: "A Ressurreição de Jesus é a verdade culminante da nossa fé em Cristo, acreditada e vivida como verdade central pela primeira comunidade cristã, transmitida como fundamental pela Tradição, estabelecida pelos documentos do Novo Testamento, pregada como parte essencial do mistério pascal, juntamente com a cruz" (*CIC, 638*).

Um escritor místico espanhol do século XVI afirmava: "Em Deus, quanto mais se navega tanto mais mares se descobrem" (Frei Luís de León). Ao longo da imensidade do mistério queremos agora navegar rumo à luz da presença trinitária nos eventos da Páscoa. É uma presença que se prolonga nos cinquenta dias pós-pascais.

2. Diversamente dos escritos apócrifos, os Evangelhos canónicos não apresentam o evento da ressurreição em si, mas antes a nova e diferente presença de Cristo ressuscitado no meio dos seus discípulos. Precisamente esta novidade é ressaltada pela primeira cena, na qual nos queremos deter. É a aparição que se realiza numa Jerusalém ainda imersa na luz ténue da aurora: uma mulher, Maria Madalena, e um homem encontram-se dentro duma área do cemitério. Primeiro, a mulher não reconhece aquele que dela se aproxima: no entanto, é aquele Jesus de Nazaré, que ela escutou e que lhe transformou a vida. Para O reconhecer, é necessário outro canal de conhecimento, diferente da razão e dos sentidos. É o caminho da fé, que se abre quando ela se sente chamada pelo próprio nome (cf. *Jo 20, 11-18*).

Fixemos a nossa atenção no interior daquela cena, nas palavras do Ressuscitado. Ele declara: "Vou subir para junto de Meu Pai, que é vosso Pai, de Meu Deus, que é o vosso Deus" (*Jo 20, 17*). Aparece, então o Pai celeste, em cujos confrontos Cristo, com a expressão "Meu Pai", sublinha um vínculo especial e único, diferente daquele que existe entre o Pai e os discípulos: "vosso Pai". Só no Evangelho de Mateus, por 17 vezes Jesus chama a Deus "Meu Pai". O quarto Evangelista usará dois vocábulos gregos diferentes, um *hyiós* para indicar a plena e perfeita filiação divina de Cristo, e o outro *tékna* que se refere ao nosso ser filhos de Deus de modo real mas derivado.

3. A segunda cena conduz-nos de Jerusalém para a região setentrional da Galileia, para o alto dum monte. Lá em cima, efectua-se outra cristofania, na qual o Ressuscitado se revela aos apóstolos (cf. *Mt 28, 16-20*). É um solene evento de revelação, reconhecimento e missão. Na plenitude dos seus poderes salvíficos, Ele confere à Igreja o mandato de anunciar o Evangelho, de baptizar e ensinar a viver segundo os seus mandamentos. E é a Trindade que emerge naquelas palavras essenciais, que ressoam também na fórmula do baptismo cristão, tal como a Igreja o administrará: "Baptizai (todas as nações) em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo" (*Mt 28, 19*).

Um antigo escritor cristão, Teodoro de Mopsuestia (séculos IV-V), comenta: "A expressão *no nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo* indica Aquele que dá os bens do baptismo: o novo nascimento, a renovação, a imortalidade, a incorruptibilidade, a impassibilidade, a imutabilidade, a libertação da morte, da escravidão e de todos os males, o gozo da liberdade e a participação nos bens futuros e sublimes. Eis por que se é baptizado! Portanto, são invocados o Pai, o Filho e o Espírito Santo para que conheças a fonte dos bens do baptismo" (*II Homilia, Sobre o Baptismo, 17*).

4. Assim, chegamos à terceira cena que queremos evocar. Ela leva-nos para o passado, quando Jesus ainda caminhava pelas estradas da Terra Santa, falando e agindo. Durante a solenidade hebraica outonal dos Tabernáculos, Ele proclama: "Se alguém tem sede venha a Mim e beba! Do seio daquele que acreditar em Mim, correrão rios de água viva, como diz a Escritura" (*Jo 7, 38*). O evangelista João interpreta essas palavras precisamente à luz da Páscoa de glória e do dom do Espírito Santo: "Jesus falava do Espírito que deviam receber os que n'Ele acreditassem; pois o Espírito ainda não viera, por Jesus não ter sido ainda glorificado" (*Jo 7, 39*).

Acontecerá a glorificação da Páscoa e com ela também o dom do Espírito no Pentecostes, que Jesus antecipará para os seus Apóstolos na própria tarde do dia da ressurreição. Ao comparecer no cenáculo, soprará sobre eles e dirá: "Recebei o Espírito Santo" (*Jo 20, 22*).

5. Portanto, na hora suprema da redenção o Pai e o Espírito estão unidos ao Filho. É o que Paulo afirma numa página particularmente luminosa da Carta aos Romanos, onde evoca a Trindade precisamente em conexão com a ressurreição de Cristo e de todos nós: "Se o Espírito d'Aquele

que ressuscitou a Jesus dos mortos habita em vós, Ele, que ressuscitou a Jesus Cristo dos mortos, há-de dar igualmente a vida aos vossos corpos mortais por meio do Seu Espírito, que habita em vós" (8, 11).

A condição para que se realize esta promessa é indicada pelo Apóstolo na mesma Carta: "Se confessares com a tua boca o Senhor Jesus e creres no teu coração que Deus O ressuscitou dentre os mortos, serás salvo" (*Rm* 10, 9). À natureza trinitária do evento pascal corresponde o aspecto trinitário da profissão de fé. Com efeito, "ninguém pode dizer: "Jesus é o Senhor", senão por influência do Espírito Santo" (*1 Cor* 12, 3) e quem o diz, di-lo "para glória de Deus Pai" (*Fl* 2, 11).

Acolhamos, pois, a fé pascal e a alegria que dela resulta, fazendo nosso um cântico da Igreja do Oriente, para a vigília pascal: "Todas as coisas são iluminadas pela Tua ressurreição, ó Senhor, e o paraíso é reaberto. Toda a criação Te bendiz e todo o dia Te oferece um hino. Glorifico o poder do Pai e do Filho, exalto a autoridade do Espírito Santo, Divindade indivisa, incriada, Trindade consubstancial que reina nos séculos dos séculos" (*Cânone pascal de São João Damasceno*, Sábado Santo, terceiro tom).

Saudações

A minha cordial saudação a todos os peregrinos de língua portuguesa, sobre quem imploro a luz esplendorosa de Cristo que, pela sua morte e ressurreição, abriu de novo o Paraíso. Sois peregrinos do Céu; dirigi para lá os vossos passos.

A Virgem Mãe vos guie e proteja!

Dou cordiais boas-vindas aos peregrinos ortodoxos russos. Caríssimos, agradeço a vossa visita e de bom grado invoco copiosas bênçãos do céu sobre vós e os vossos entes queridos.

Seja também bem-vindo o grupo de fiéis ortodoxos da Bulgária. Caríssimos, enquanto vos agradeço a presença, faço votos por que esta peregrinação aos túmulos dos Santos Pedro e Paulo e dos Mártires romanos vos sirva de estímulo para um empenho de testemunho evangélico sempre mais generoso na vossa Pátria.

O meu pensamento dirige-se, enfim, aos *Jovens*, aos *Doentes* e aos *jovens Casais*.

O Dia Mundial das Vocações, que celebraremos no próximo domingo, convida-nos a reflectir sobre as palavras de Jesus: "*Vem e segue-Me*", com as quais Ele chama os Apóstolos a segui-

Lo.

Saúdo-vos, caros *jovens*, em particular vós da Arquidiocese de Brindes-Ostuni, vindos para o vosso jubileu, e vós, meninos e meninas de várias escolas, e especialmente vós "premiados" pela instituição São Donino de Ouro da Diocese de Fidenza. A cada um formulo votos por que saiba reconhecer, no meio de tantas vozes deste mundo, a de Cristo, que continua a dirigir o seu convite ao coração de quem sabe pôr-se em escuta. Sede generosos em segui-Lo, não tenhais medo de colocar as vossas energias e o vosso entusiasmo ao serviço do seu Evangelho.

E vós, queridos *doentes*, que o Senhor une de modo mais misterioso à sua paixão, abri-Lhe o coração com confiança. Ele não vos deixará faltar a consoladora luz da sua presença.

Enfim, a vós, prezados *jovens esposos*, desejo que as famílias por vós há pouco formadas correspondam à vocação de serem, no mundo, transparência do amor de Deus, graças à fidelidade do vosso amor.